

UM OUTRO OLHAR SOBRE A RELIGIOSIDADE DOS AMERÍNDIOS NO PÓS-CONQUISTA.

Joyce Mayara Aguiar de Carvalho¹
Aduino Neto Fonseca Duque²

Resumo

Desde o primeiro contato do Europeu com os habitantes da América, estes foram muito mal compreendidos, sua linguagem, seus costumes, sua crença, sua religiosidade. O europeu preferiu ver o índio como um ser anômalo, sem qualquer tipo de estrutura social ou religiosa. Assim, tornava-se mais cômodo, exterminar quem não aceitasse o modelo de civilização imposta.

Palavras-chave: Religiosidade, genocídio, resistência.

Introdução

Existe um vasto referencial bibliográfico tratando da visão do europeu durante a conquista da América. Temos os relatos fiéis dos jesuítas, as cartas dos viajantes, as descrições de cada detalhe que os conquistadores iam “encontrando”. Precisamos, todavia, atentar para um fato importante: todo esse material escrito, pintado e divulgado como um panorama universal da América está impregnado da visão de mundo do europeu. A conquista relatada nos documentos será aquela em que eles acreditam e na forma como desejavam transmitir aos seus conterrâneos na Europa. Poucas são as fontes que tratam sobre o que os ameríndios pensaram daquela invasão e as publicações existentes nos chegam filtradas pelo olhar dos seus autores, provavelmente baseados na leitura de fontes com a visão do invasor.

Nesse artigo faremos uma exposição, baseada em um referencial bibliográfico, sobre o confronto entre o olhar do conquistador e a percepção do conquistado. E assim, como Ronaldo Vainfas, tentar mostrar o não-dito, revelando para o leitor um vasto campo de pesquisa ainda aberto para novos pensadores da História das Américas. Trazemos para a luz o que Héctor Bruit colocou como o “invisível” na conquista da América hispânica, apontando pistas para a descoberta de fatos ainda inexplorados e sem dúvida, bem mais interessantes dos até então apresentados.

A historiografia brasileira ainda tenta construir uma produção baseada em relatos dos povos que vivenciaram o processo de encontro com os europeus. Todavia, percebemos uma leitura parcial e voltada sempre para o estrangeiro, marcando uma

¹ Aluna do Curso de História na Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Monitora Voluntária da disciplina História da América I.

² Mestre em História, Professor Colaborador da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

dinâmica de livros e textos com exaltação e percepção positiva da presença ibérica na América.

O olhar do ameríndio frente ao desconhecido.

Ao longo dos nossos estudos nos acostumamos a dizer que o europeu realizou o genocídio na América. Fato alicerçado numa proposta de que os conquistadores desconheciam os habitantes e, pelo medo natural do desconhecido, tentaram comparar os ameríndios com o que tinham visto antes, mas ao não encontrarem nenhuma categoria “humana” para classificá-los trataram logo de rebaixados à animalidade.

Todorov faz uma análise interessante sobre esse contato com o outro desconhecido:

Existe aí um encadeamento terrível, onde compreender leva a tomar, e tomar a destruir, encadeamento cujo caráter inelutável gostaríamos de colocar em questão. A compreensão não deveria vir junto com a simpatia? E ainda, o desejo de tomar, de enriquecer a custa do outro, não deveria predispor a conservação desse outro fonte potencial de riqueza?³

Essa colocação de Todorov é pertinente para minha discussão, visto que desde Colombo até Cortez, os habitantes da Meso-América foram muito mal compreendidos. Nos relatos de Colombo observamos um nítido desprezo pelos homens, sendo que a primeira preocupação do navegador era encontrar ouro para financiar a sua expedição, admirar a natureza e o seu intento foi de não dialogar com a população local. Cortez coloca em prática outra estratégia e sai para estudar e conhecer a cultura meso-americana. Todavia, ao longo do tempo de convívio desenvolve um sentimento de repúdio as práticas religiosas dos ameríndios, estas vão sendo classificadas como brutais e o conquistador usa como pretexto os elementos que ele não tolera para extermínio de dessas originais civilizações.

O meu intento nesse primeiro tópico é discorrer sobre o olhar do ameríndio e suas organizações e tentativas de barrar a presença européia. Estamos cientes do etnocídio e genocídio que foram perpetrados aqui na América, mas não foi tão bem sucedida a colonização européia, fato visível na resistência religiosa e na manutenção de aspectos culturais.

³ TODOROV, Tzevtan. **A conquista da América. A questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. pág.151.

Os índios não aceitaram tão facilmente a imposição religiosa e cultural a qual estavam sendo submetidos. Para os ameríndios, povos altamente religiosos, absorvidos em crenças, valores naturais e muito inteligentes, o choque inicial deve ter sido muito forte, mas foram aprendendo a adaptar-se ao avanço da conquista. Alguns grupos resistiram bravamente à princípio na luta aberta, mas com o passar do tempo foram observando que as armas dos europeus eram superiores às suas. Assim, iniciam uma ação camuflada, encontrando formas de mesclar as duas religiosidades. Por disporem de uma forte crença religiosa usaram de todas as artimanhas para preservar a sua cultura e seus rituais ancestrais. Fato significativo a ser destacado é a prisão de Montezuma, o chefe maior dos Astecas. Para os europeus ele aceita ser aprisionado, confirmando a superioridade dos invasores. Pensando criticamente o fato, certamente a religiosidade de Montezuma apresentou-se mais forte do que sua posição de chefe e líder guerreiro. Vejamos, o exército Asteca era bem maior e mais guerreiro, do que o exército de Cortez. A superioridade das armas espanholas era notável e não pode ser descartada como elemento decisivo, mas em quantidade e força o exército de Montezuma era superior.

O mais interessante é que quando Montezuma estava preso por Cortez a população Asteca ensaiou um levante revolucionário. O líder manda uma mensagem para o seu povo ordenando que não fosse derramado sangue de nenhum Asteca. Parece até uma contradição, uma civilização que estava habituada a fazer sacrifícios humanos e festejar ao ver o sangue escorrer pelas escadarias das pirâmides desejarem evitar o confronto. Todavia, devemos entender que os sacrifícios eram traços marcantes do culto religioso, toda uma ritualística, sendo o objetivo final manter Deus supremo satisfeito com as imolações e por conseqüência, muita fartura e uma vida tranqüila estava garantida ao povo.

Podemos observar, portanto, que o ameríndio foi submetido não pelo poderio europeu, mas sim pelas suas crenças, foi para defender a sua religiosidade que os ameríndios aceitaram ser subjugados, já os espanhóis subjugaram com o objetivo de impor a sua religiosidade.

Essa persistência no culto aos seus deuses às escondidas, mesmo com a imposição do cristianismo, se deu como uma forma desesperada que os ameríndios encontraram para resguardar a sua tradição religiosa e encubá-la num processo de camuflamento, os seus cultos religiosos já existiam, agora apenas ganham uma conotação diferente, uma forma de resistir culturalmente.

Os espanhóis também tinham a sua religiosidade e eles devotavam forte crença no seu Deus, então nós temos aqui duas faces da mesma moeda, duas religiosidades num embate cultural muito forte. Temos que levar em consideração que os europeus se viam como os detentores do saber, da civilidade e da verdadeira religião tal como os indígenas também acreditavam firmemente nos seus deuses e na sua tradição religiosa. Todavia, os ameríndios conseguiram durante longo tempo conviver com suas diferenças religiosas e, ainda que estivessem em conflitos por territórios e tributos, nos parece que evitavam demonstrar superioridade religiosa diante dos povos com quem mantinham contato na mesoamérica.

Em questão de organização social não verificamos tanta diferença entre um e outro visto que os próprios soldados de Cortez ficaram impressionados com a grandiosidade da imponente Tenochitlan:

Cortez está convencido de que as maravilhas que vê é as maiores do mundo. Não há nenhum principie conhecido no mundo que possua coisas de tal qualidade. No mundo todo não se poderia tecer vestimentas como essas, nem feitas com cores naturais tão numerosas e tão variadas, nem tão bem trabalhadas, os templos são tão bem construídos, em madeira e em alvenaria que não se poderia fazer melhor em parte alguma.⁴

É notável a admiração de Cortez para com a organização social dos astecas. Chegando o navegador a comparar, segundo Vainfas, os templos astecas com as mesquitas dos muçulmanos. Tal constatação nos chega como uma tentativa de tornar conhecido o que não se compreende. O processo histórico europeu que era de perseguição dos cristãos ibéricos contra os mouros infieis transforma-se, agora em caça e eliminação dos ameríndios pagãos.

Vainfas traz outro ponto interessante de se levantar aqui, o conceito de idolatria que o europeu vai usar para classificar a religiosidade do ameríndio, é o mesmo usado para definir as idolatrias dos povos pagãos do antigo testamento, ou seja, eles não tinham o conhecimento do verdadeiro Deus, era humano como o europeu, só faltava serem cristãos e civilizados.

Então, nós temos interesses opostos, em lados contrários, de um lado o europeu acreditando realmente que estava fazendo um grande bem para aquele povo sem rei, nem lei, nem fé, impondo a sua crença, do outro lado tem toda a inteligência e astúcia do ameríndio que deixava o conquistador pensar que estava conseguindo dominá-los.

⁴ Idem, pág.153.

Temos em mãos os relatos de vários cronistas, dentre eles Las Casas, que segundo Todorov não conseguiu compreender os índios a fundo, visto que ele via neles uma mera possibilidade de torná-los cristãos, ele não buscou compreendê-los, mas sim torna-los marionetes nas mãos do europeu.

O intento dos ameríndios era confundir os conquistadores e segundo tais relatos, observamos que foi alcançado, depois da leitura do artigo de Héctor Bruit “O visível e o invisível na conquista hispânica da América”, fiquei mais convencida de que os ameríndios foram espertos o suficiente para enganar ou pelo menos confundir os seus “conquistadores”.

Bruit relata alguns cronistas como Las Casas que se dedicaram a escrever o que viam e ouviam sobre a perspicácia dos índios, por exemplo, a bebedeira, quando os ameríndios se recolhiam aos seus aposentos, reunia a família e conhecidos e embriagavam-se até começar a pronunciar palavras incompreensíveis para os espanhóis, alguns cronistas chegam a relatar que alguns índios ficavam bêbados às 24 horas do dia, mal sabiam os espanhóis que aquela era a forma que eles encontraram de fazer os seus cultos religiosos e passar despercebida, era na mais profunda embriaguez que encontravam o conforto de falar com seus deuses, e dessa forma terem mais força para enfrentar mais um dia sob aquela dominação; nós temos em mãos também relatos de como era a vida social dos astecas, por exemplo, que tinham uma lei severa para punir os que fossem pegos em bebedeiras, Bruit coloca que, se os chefes indígenas conseguiram controlar o uso excessivo de álcool, os europeus não o conseguiram a contento.

Um corregedor do Peru informou em 1535 que os índios usam suas danças e destas e folias, comendo e bebendo juntos, para ficar bêbados, mas as outras coisas que fazem não se entendem. É curiosa a observação da autoridade que acredita entender as danças, as festas e a bebedeira, e não enumera as outras coisas que não se entendem. Que coisas eram essas? Provavelmente alguns gestos, sinais sobre certos lugares onde escondiam os ídolos e que só lhes conheciam, reverências a esses lugares ou a lembranças que a dança e a bebedeira resgatavam.⁵

Os ameríndios conseguiam realmente enganar os espanhóis, tendo em vista que eles foram obrigados a assimilar a cultura, a religião e a língua dos espanhóis, estavam bem mais informados sobre os costumes daqueles, e, portanto podiam cultuar o Deus dos espanhóis, vestirem-se como espanhóis e fazer tudo para aos olhos deles passassem

⁵ BRUIT, Héctor. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: *América em tempo de conquistas*. Pág.89.

despercebidos os seus verdadeiros cultos. “Para Las Casas, a simulação escondia o rancor pela destruição e o genocídio, para outros cronistas, encobriam o desejo e a intenção de preservar os traços culturais mais queridos, como a religião.”⁶

Hoje em algumas historiografias vemos o indígena retratado como o preguiçoso, que não gostava de trabalhar, enfim, toda uma imagem deturpativa foi construída para designar o índio. Mas se pararmos para analisar esse fato e tentar olhar nas entrelinhas, o invisível segundo Bruit, o comodismo que às vezes acometia alguns ameríndios nada mais era do que uma forma que eles encontraram de atrapalhar o avanço da colonização, provavelmente eles pensavam: Se não podemos nos livrar da presença deles, vamos ao menos atrapalhar o máximo que pudermos.

A civilização meso-americana, Astecas, Maias e Incas, toda a população era composta de homens fortes e guerreiros, povo muito religioso, seguiam seu grande chefe com rigorosidade, não tinham nenhum receio em doar a sua vida para o seu grande deus supremo, os Astecas, por exemplo, civilização brilhante, construiu sua cidade em cima de uma região pantanosa e alagadiça, e foi através de muito esforço e trabalho duro que conseguiram tal proeza. Então, é inviável qualquer afirmação sobre os ameríndios serem preguiçosos.

Vainfas traz um estudo aprofundado sobre a resistência insurgente realizada aqui no Brasil;

“Idolatria tupinambá, a santidade acabaria por se tornar, mais que isso, uma idolatria luso-brasileira (...) Formação cultural híbrida, resultado da colonização da língua tupi pelos jesuítas, e da superposição de imagens cristãs aos heróis indígenas no dia-a-dia da catequese.”⁷

Assim como a santidade brasileira tivemos vários movimentos revolucionários, como o Taqui Ongoy e o império neo-inca no Peru, ou o movimento liderado por Martin Oceloti no México, enfim, todos têm uma característica comum são extremamente e abertamente hostis à colonização e catequização européia, e esse confronto aberto é apenas uma das formas de resistência cultural que logo vai ser extirpada, tendo em vista ser muito expostas; já as religiosidades que ficaram camufladas, ajustadas a imposição da religião espanhola, essas tiveram um futuro promissor, pois conseguiram passarem despercebidas ao olhar do colonizador, e assim camufladas foram passando de geração em geração, é claro que com o tempo perdeu-se

⁶ Idem, pág. 89.

⁷ VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. Pág. 227.

muito da sua originalidade, mas ainda nos afeta diretamente, observamos traços dessas religiosidades dos nossos antepassados na religiosidade popular de hoje, nas nossas superstições, nos adivinhos do tempo, na mistura de religiões e cultos que temos hoje, enfim, esse sincretismo religioso que foi gerado a partir do impacto sofrido pelos ameríndios nos acompanha ainda hoje.

O olhar dos Espanhóis frente ao desconhecido.

Como Vainfas relata no seu artigo: “Colonialismo e Idolatrias: Cultura e resistência indígenas no mundo colonial ibérico”, os europeus os europeus não conseguiram entender o mundo indígena por isso resolveram exterminar; e nisso eles eram excelentes, destruir, acabar com toda uma raça. A forma que os ameríndios encontraram para se defender dos ataques foi recuar e camuflar-se, fecharam-se no seu mundo, para tentar passarem despercebidos aos olhos do colonizador, já o espanhol que na maioria das vezes não um fez um esforço para tentar compreender aquela cultura tão diferente da sua, se propuseram a exterminar.

Até mesmo a comunicação entre as duas culturas era precária, tendo em vista que foram poucos os espanhóis que se interessou em aprender o dialeto dos índios, e esse fato levava a uma incompreensão maior ainda, como eu posso conhecer um ser que eu nem ao menos sei o que está falando? Eles não conheceram. Já os ameríndios foram obrigados a aprender a língua dos espanhóis e a adquirir sua cultura, esses se aproveitaram desse conhecimento para enganar os espanhóis que muito pouco conhecia de sua cultura.

Já nos contatos iniciais com Colombo, observamos uma total falta de contato, e isso Todorov relata muito bem, Colombo vai se preocupar muito a principio com o ouro que tinha que encontrar naquelas paragens para ter sua expedição financiada pelos reis ibéricos, também foi um excelente observador da edênica natureza aqui encontrada, já os habitantes da região com quem ele dizia manter um diálogo, na verdade não entendia e nem era entendido, e esse contato sem entendimento foi muito prejudicial para os ameríndios, pois nesses diálogos prevalecia apenas o que o europeu queria,

“Colombo não é bem-sucedido na comunicação humana, porque não está interessado nela (...) Aliás, ele os compreendia tão mal quanto eles a ele, e tinha o maior temor do mundo das gentes daquela ilha (...) a pouca percepção que Colombo tem dos índios, mistura de autoritarismo e condescendência; a

incompreensão de sua língua e seus sinais. (...) a preferência pelas terras e não pelos homens.”⁸

Já Cortez, vai trilhar o caminho oposto, vai buscar a compreensão daquela civilização tão cheia de mistérios e tão grandiosa. Mas esse conhecimento que ele buscou ter dos ameríndios não foi muito favorável para eles, visto que foi um conhecimento usado para a destruição, no tocante a vida em sociedade e a estruturação social o próprio Cortez tratou de elogiar e ficar extasiado com tal situação, agora quando a questão era a religiosidade dos ameríndios, os sacrifícios humanos, as práticas antropofágicas, o culto às estátuas e aos fenômenos da natureza, tudo isso foi visto como uma “demonolatria”, ou seja, as práticas religiosas dos ameríndios foram claramente associadas às práticas demoníacas, e, portanto, passíveis de extermínio.

Se nós tentarmos contextualizar o momento que os espanhóis se encontravam, um homem ainda impregnado com a mentalidade medieval, onde a igreja era detentora do poder absoluto, e a religião movia toda a sociedade. Podemos compreender, mas não aceitar o massacre que aqui foi efetuado, devido a forte religiosidade que acometia os europeus,

Se a palavra genocídio foi alguma vez aplicada com precisão a um caso, então é esse; é um recorde parece-me não somente em termos relativos (uma destruição da ordem de 90% e mais), mas também absolutos, já que estamos falando de uma diminuição da população estimada em 70 milhões de seres humanos. Nenhum dos grandes massacres do século XX pode comparar-se a esta hecatombe.⁹

Foi pela completa incompreensão que o espanhol perpetuou a destruição e

“o jesuíta José de Acosta não foi menos crítico com a ignorância e o desinteresse dos espanhóis pela cultura indígena, pois sem saber nada disso entramos com a espada, sem ouvi-los nem entendê-los”.¹⁰

Mas realmente para compreender os indígenas era complicado, porque como já foi exposto antes tudo foi muito bem camuflado, e o sincretismo era notável, o ameríndio até mesmo na oração católica incluía algumas reverências aos seus deuses, e como os espanhóis conheciam muito pouco da língua deles, eles se utilizavam de tal artifício para reverenciar os seus deuses em sua língua e passarem despercebidos pelos colonizadores.

⁸ TODOROV, Tzevtan. A conquista da América: A questão do outro. Op.cit.39.

⁹ TODOROV, Tzevtan. Op. Cit. Pág.158.

¹⁰ BRUIT, Héctor. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: *América em tempo de conquistas*. Op. Cit. Pág.90.

O sincretismo é tão notável que até mesmo nas seitas insurgentes organizadas, segundo discute Bruit, existiam vários índios chamados Jesus, Maria, e vários outros nomes católicos, e o re-batismo que acontecia lá, que usava os mesmos rituais do batismo católico, mas ao inverso. Enfim, foi uma mistura bem acentuada o que aconteceu no tocante à religiosidade e à cultura indígena, com a cultura do europeu.

Hoje certa historiografia comemora a total aculturação a qual os ameríndios foram submetidos, e a vitória do inteligente e civilizado europeu, sobre o bárbaro ameríndio. Mas não foi bem assim que aconteceu, o genocídio pode até sim ter acontecido, visto o poderio das armas do europeu serem realmente superior, mas a religiosidade os indígenas conseguiram repassar camuflada para as gerações posteriores e essa é a prova real de que o europeu não venceu completamente.

Esse olhar deturpado que o europeu lançou sobre o ameríndio foi o responsável pela incompreensão da sua cultura e pelo conseqüente extermínio, logo o grande erro que acompanhou o espanhol foi ter se considerado superior ao ameríndio “... a superioridade cultural do conquistador sobre o conquistado, porque segundo esse raciocínio o domínio do mundo deveria caber a um só povo, o mais culto de todos...”¹¹.

E esse povo superior, culto, civilizado, eram eles os espanhóis, pelo menos é isso que dizem os seus relatores, vamos encontrar entre eles os “defensores e os opressores” dos índios, defensores como Las Casas ou Nóbrega, que vão colocar os índios como bonzinhos, passivos, que tudo aceita e tudo suportam, como que seres anômalos, sem qualquer espécie de organização social ou religiosa, e por isso estavam ali, esperando o “bom europeu” trazer a civilidade.

“Tanto os defensores dos índios como aqueles que os consideravam inferiores e mesmo bestiais, pertenciam a um universo que aceitava a idéia de escravização, que era na época, institucionalizada. Questionava-se o direito de conquistar e dominar pela força os índios, mas aceitava-se a escravidão.”¹²

Parecem até contraditório, pessoas como Las Casas, pregar a transmissão da fé de sua religião de uma maneira pacífica e aceitar que os receptores dessa fé, por serem seres inocentes e anômalos, poderiam ser escravizados e sofrer horríveis penalidades caso não aceitassem tal imposição. “Las Casas acusou os conquistadores (...) de praticarem um genocídio através da conquista, da exploração, do desespero que levava ao suicídio coletivo, ao aborto voluntário, das doenças trazidas da Europa.”¹³

¹¹ LOBO, Eulália Maria Zahmeyer. Bartolomé de Las Casas e a lenda Negra. In: *América em tempos de conquista*. Pág.102.

¹² Idem, pág.103.

¹³ Ibidem, pág.104.

Las Casas acusa os colonizadores terem usado de força demais para subjugar os povos ameríndios, mas é a aculturação que estava sendo imposta pelos jesuítas, que será bem mais prejudicial para eles, e aqui podemos tentar ver nas entrelinhas desse discurso de Las Casas, será que esse desespero todo que levava inúmeros seres humanos ao suicídio, era somente pelo fato de o colonizador estar escravizando e matando? Com certeza não, muito mais do que o corpo dos ameríndios, os espanhóis estavam matando ao seu deus, a sua cultura, estavam matando uma religiosidade de séculos de existência, a mesma religião que os seus ancestrais cultuavam.

E é nos rituais da santidade, muito vê descritos por Vainfas, esse nítido apego as tradições culturais deles, os ameríndios acreditavam firmemente que todos juntos numa resistência hostil ao avanço do colonizador, cultuando seus deuses esses iriam retornar a terra para ajudá-los a vencer os espanhóis, e as “huacas”, assim eram chamados os seus deuses, iriam reinar soberanas, já para os portugueses essas seitas que se formaram em oposição aos avanços da colonização, nada mais era do que heresia, merecendo, portanto ser exterminada, e foi realmente o que aconteceu o genocídio foi efetuado e o poderio do espanhol saiu vencedor, ou pelo menos eles acreditam que saíram vencedores.

Como já bem dizia Bruit:

O surpreendente na história da conquista, apesar da destruição e do genocídio, é que os índios sobreviveram física e culturalmente, e sua presença de algum modo marcante em quase todas as sociedades do continente é um fato em face do qual não se podem fechar os olhos.”¹⁴

A concretização do processo de colonização ainda hoje é visível na América, agora não podemos aceitar passivamente a certeza da vitória européia. Estamos todos prontos a criticar e verificar que ainda estamos vivenciando uma colonização imposta. Cabe a todos nós estamos como nossos antepassados, formas modernas e civilizadas de contraposição a esse colonizador usurpador.

Conclusão

Fica claro, portanto, que o ameríndio conseguiu ser a “pedra no sapato” dos europeus, conseguiu dar muito trabalho, muita resistência, não foi tão fácil para os espanhóis deixarem a sua marca devastadora aqui na América, e também a marca que eles deixaram não foi tão vitoriosa como se costuma pregar.

¹⁴ BRUIT, Héctor. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: *América em tempo de conquistas*. Op. Cit. Pág.80.

O ameríndio encontrou várias formas de resistir culturalmente e até mesmo fisicamente, pois a resistência camuflada, nada mais foi do que uma tentativa de preservar-se, tanto física como culturalmente. E esse intento foi conseguido, diante das leituras que eu fiz, posso confirmar esse fato, e é apaixonante observarmos essa luta que os indígenas travaram tão brilhantemente contra o olhar devastador do europeu.

Hoje nós temos mescladas à nossa cultura, principalmente no tocante à religiosidade popular, traços nítidos dessa resistência camuflada dos nossos antepassados, isso significa dizer que eles conseguiram, e nós estudiosos e amantes da história, temos que trazer tais fatos à luz, mostrando que a historiografia eurocêntrica não é a única verdade, e eu neste artigo tentei semear esse desejo por buscar a outra face da moeda, o não-dito, as entrelinhas, e eu posso garantir que cada nova gostosa descoberta, gera um novo desejo por se buscar muito mais.

Referências bibliográficas

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Martins Fontes, São Paulo: 1999.

VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios. Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. Companhia das Letras, São Paulo: 1999.

VAINFAS, Ronaldo. Idolatrias luso-brasileiras: “santidades” e milenarismos indígenas. In: *América em tempos de conquista*. (org.) Ronaldo Vainfas. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1992.

BRUIT, Héctor. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: *América em tempo de conquistas*. (Org.) Ronaldo Vainfas. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1992.

VAINFAS, Ronaldo. Colonialismo e Idolatrias: Cultura e resistência indígena no mundo colonial ibérico. In: *Revista Brasileira de História*. p.p.101-124, v.11, n°21, São Paulo, set.90/fev.91.

LOBO, Eulália Maria Zahmeyer. Bartolomé de Las Casas e a lenda negra. In: *América em tempo de conquistas*. (Org.) Ronaldo Vainfas. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1992.